

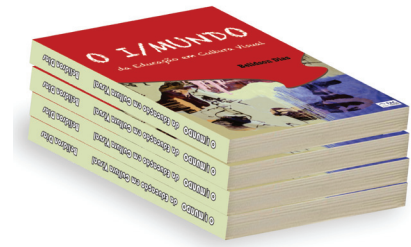
O I/Mundo da Educação em Cultura Visual

de e por Belidson Dias

Em meados dos anos 80, durante o meu curso de graduação em Licenciatura em Artes Plásticas na Universidade de Brasília (UnB) ouvi de uma professora visitante da Universidade de São Paulo (USP), que o oposto de “Mundo” seria “Imundo”. O Mundo seria a totalidade do que existe no universo, seja ou não natural, mas sobretudo, o Mundo seria a experiência do ponto de vista do sujeito que limpou e delimitou sua existência a um tempo e espaço. O “mundo”, como antônimo de “Imundo”, seria a parte que elegemos todos os dias para viver, no nosso cotidiano. E assim tendemos a excluir de nosso mundo, para que ele possa ser mundo, tudo o que consideramos sujo, cuja falta de asseio e sujeira provocam repugnância, tudo aquilo que revolta a consciência, que é moralmente baixo, abjeto, torpe e que não respeita as regras do decoro, da decência, da normalidade.

Os abjetos me interessam e me fascinam há muitos anos, já que perturbam a subjetividade e institucionalidade das coisas, e nos lembram da nossa própria construção de mundo na transformação simbólica do encontro com o outro. *O I/Mundo da Educação em Cultura Visual* busca precisamente adentrar em algumas fraturas do pertencimento, do recato, da conveniência, da moralidade, enfim da normalidade das práticas na arte/educação contemporânea.

O I/Mundo da Educação em Cultura Visual baseia-se na minha tese de doutorado em Arte/Educação, realizada no Canadá, traduzida como Epistemologia de fronteiras: *Investigando os trans/gêneros na obra de Pedro Almodóvar e suas implicações para a Educação em Cultura Visual*. Contudo esse livro não corresponde exatamente a tese, pois não contem todos os capítulos nem mantém a sua estrutura original. Faltam quatro capítulos referente ao cineasta espanhol Pedro Almodóvar, sua filmografia e as análises de alguns de seus filmes. Este material será lançado em publicação específica posteriormente. Entre 2005 e 2010 publiquei vários textos derivados da tese e esse livro reúne parte desses textos fragmentados em capítulos e alguns outros que nunca foram publicados. Além desses fazem parte do livro alguns capítulos escritos com orientandos de graduação e de mestrado da UnB. A publicação apresenta uma visão panorâmica das recentes relações históricas entre a arte/educação e a educação em cultura visual e descreve a situação da arte/educação contemporânea em relação a fundamentos teóricos e práticos, metodológicos e curriculares ligados a questões de gênero, sexualidade, censura e moralidade. Baseia-se na premissa de que a arte/educação passa por uma mudança radical em direção à educação da cultura visual ao desenvolver



O I/Mundo da Educação em Cultura Visual

novas práticas, epistemologias, identidades, subjetividades, agências e entendimentos do cotidiano. Sugere que a inclusão da educação em cultura visual possa dar visibilidade e efetivamente auxiliar a compreensão das representações visuais de gêneros e sexualidades na sociedade. O livro discute representações de gênero e sexualidade como sendo historicamente e culturalmente contingentes ao invés de expressões naturais ou de caráter privado e individual. Mais ainda, fornece dados para estudar e compreender as estruturas históricas e teóricas das representações visuais específicas de sexualidades e gêneros na educação em cultura visual em relação aos discursos médicos, psicanalíticos, filosóficos e populares estabelecidos. Ele parte dos recentes estudos em gênero e sexualidade, principalmente da teoria queer, mas também dos feministas, e dos estudos da representação e recepção visual.

Como professor dos cursos de Licenciatura em Artes Plásticas na Universidade de Brasília e que trabalha com disciplinas específicas de gênero e sexualidade na cultura visual, sobretudo o cinema, observo no meu dia-a-dia que é vital a existência de mais referenciais teórico com essas temáticas para que estudantes e educadores conscientizem-se das maneiras e razões pela quais são atraídos por um imaginário visual do cotidiano e possam ampliar abordagens analíticas sobre os modos de ver.

Os paradigmas da arte/educação estão mudando e está se tornando prática comum que arte/educadores e alunos produzam conhecimento conjuntamente, ao se envolverem criticamente com representações de seu cotidiano. Passei a acreditar fortemente que os arte/educadores podem concomitantemente ensinar, pesquisar, fazer arte e pensar por meio da educação em cultura visual. No entanto, para atingir esses objetivos arte/educadores e alunos precisam se engajar com o pensamento crítico e pedagogias críticas e olhar atentamente para as relações de poder dentro das práticas educacionais, práticas pedagógicas e políticas.

Mais recentemente, desde que acabei o doutorado em 2006, reintroduzi questões de gênero e sexualidade em Seminários de Teoria, Crítica e História da Arte, interligados com questões de raça, classe, comunidade, deficiência, identidade, idade, entre outros tópicos. Embora os temas principais foram o gênero e a sexualidade os outros foram suplementos cruciais para o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, mudei de procedimentos pedagógicos, permitindo que alunos continuamente pudessem articular idéias críticas sobre o conteúdo de classe. Percebi que, se queremos mudar aspectos da prática em arte/educação corrente e promover a mais ampla compreensão e implicações para a educação da cultura visual, como uma abordagem produtiva em ensino de artes visuais, seria necessária a adoção de novos enquadramentos conceituais sobre as noções de poder e conhecimento, e discutir criticamente as questões de representação de raça, classe, gênero, sexualidade, deficiência, idade, etc.

Apesar de alguns anos atrás não existir uma taxonomia para o que atualmente chamamos de “educação da cultura visual”, eu estava interessado e em busca de qualquer pedagogia da arte cuja abordagem não privilegiasse a estética e a história em detrimento aos estudos sociais. Arte/educadores, professores, pesquisadores e alunos vistos como subalternos nas suas posições de poder de decisão, mas sem pensamento crítico, são incapazes de desenvolver a capacidade de agência e transformação que o campo da arte/educação necessita. O ensino de artes acrítico reproduz a ênfase na arte da alta cultura, glorificando determinados objetos de arte, autorizando o que convém como experiência estética adequada, certificando certas interpretações da História da Arte, e colocando-as no topo de uma hierarquia curricular que desvaloriza outros objetos de arte, artefatos visuais, e outras histórias de outras artes.

A dinâmica da cultura em diferentes contextos é inexistente em um currículo acrítico de arte/educação, cujas culturas hegemônicas não são confrontadas e o currículo não é provocado para tornar a experiência, prática, e interpretação da cultura visual aberta para todos. Ao invés de ser forjada a partir dos valores, conhecimentos, habilidades e cuidados com as comunidades trans/locais, uma arte/educação acrítica é uma experiência de reiteração de currículo das artes visuais como uma afirmação dos cânones da arte, educação, e arte/educação.

A arte/educação corrente têm, da maneira restrita, incentivado a discussão de questões sociais no currículo, mas é através da abordagem crítica social e reconstrucionista da educação da cultura visual que os arte/educadores e estudantes de arte, juntos, geram uma expectativa de esclarecer e dar visibilidade a questões fundamentais na visualidade da sociedade contemporânea e tecnológica. Além disso, a educação da cultura visual enfatiza particularmente a construção do cidadão contemporâneo, e nesse ponto a diversidade cultural se torna relevante e crucial para o ensino e a aprendizagem das artes. Isso amplia a reflexão sobre conceitos de arte, o papel da cultura visual, representações visuais e artistas em diferentes contextos sociais. Assim, os papéis da educação da cultura visual entre outras coisa são os de: promover o respeito e o reconhecimento da diferença social para incentivar a compreensão transcultural; reconhecer e compreender a diversidade cultural para permitir que o orgulho da herança cultural; discutir questões sobre o etnocentrismo, estereótipos culturais, preconceitos, discriminações, o racismo e a sexismo; examinar a dinâmica da cultura em diferentes contextos, a fim de desenvolver a consciência; e questionar a cultura dominante, a fim de tornar a experiência, prática, e interpretação da cultura visual mais flexível e acessível.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA DO LIVRO:

DIAS, Belidson. *O I/Mundo da Educação em Cultura Visual*. Brasília: Editora do Programa de Pós-Graduação em Arte da UnB, 2011.